Spártacus

Ano I — Numero 7 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 13 de Agosto de 1919

ASTRALIZANDO

No volume intitulado *Espiritismo racional e scientifico*, manual organisado pelo Astral Superior que dirige o centro espirita redentor da rua Jorge Rudge, propriedade do snr. Luiz Mattos, dono, concomitantemente, de *A Razão*, nesse volume, em apêndice, ha uma lista de *Espiritos-guias* dêsse viveiro de salvadores novos da humanidade.

O sr. Mattos, com a sua superioridade de zona quase trinta e tres, possue o privilegio de conversar com os mais celebres e mais altos nomes lá do espaço. Acham-se nesta lista personagens como Zola, o Barão do Rio Branco, o padre Anchieta, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Santa Maria Magdalena, Quintino Bocayuva e até... Judas Escariote, zona 28! Não pasmem, não! Judas Escariote foi um grande espirito e não está no inferno como afirma a Igreja.

O snr. Luiz Mattos, como acima disse, tem o privilegio de palestrar com todos êles; hoje com Sant'Anna, amanhã com Joanna d'Arc ou José do Patrocinio.

Hontem foi um dia grande. Era meia noute e o arqui-santo snr. Mattos, a pedido do padre Vieira, de S. José e do papa Leão XIII, todos êles guias, deceu á sala das sessões, sozinho, com tres velas acesas, enfiado num guarda-pó.

A sala é ampla. Suspensa da parede, ao fundo, um grande Cristo muito mal feito, mas impressionante, sanguejante, agonizante. Embaixo, num estrado alto, uma vasta mesa, com dois ou tres enormes livros de escrituração. E' a mesa dos mediuns, da concentração, onde se vai formar a corrente do astral superior, curativa de almas e de corpos, reveladora de mistérios, ciencia á bessa e cavações. Na sala, bancos enfileirados para os crentes, a gecalhada embevecida e redimenda.

O snr. Luiz Mattos entra só, com as tres velas. Senta-se na poltrona clássica, toma da bagueta e diz familiarmente: "Conversemos„.

Então, mui lentamente, na diafaneidade da meia luz, corpos astrais se entredesenham, se condensam em nevoa rala, cobram formas, personificam-se; depois, sentam-se nas poltronas laterais e saúdam em voz clara: "Boas noites, irmão Mattos„.

O snr. Mattos coça as suiças de homem trabalhador, enriquecido no trabalho honesto, franze o sobrôlho de paladino da virtude e comprimenta: «Boas noites S José; boas noites Leão XII; boas noites padre Vieira; só vieram vocês tres»?

— Vinhamos nós tres apenas; mas o general Pinheiro Machado, Luiz de Camões e Camillo Castello Branco tambem quizeram vir, que é importante o assunto.

Logo tres outras formas se esboçaram e se sentaram.

"Vamos tratar hoje, meus queridos guias, do artigo de fundo sôbre os anarquistas. Como sabeis, meus bons irmãos, foi apreendido o *Spártacus*, aquêle jornaleco petulante que se atreveu a denunciar aos trabalhadores as manobras santas que me aconselhastes a empregar na redentórica *Razão* para não dar com os burros nágua. A *Razão* ia mal, como sabeis; meu rico e honrado cobre se afundava no atoleiro que era o meu jornal, onde não pensei nunca no operário, até que me indicasseis a minazinha das publicaçõess em quarta pagina. Foi nessa ocasião que solicitei, do anarquista Florentino de Carvalho, o noticiario do movimento obreiro aqui no Rio. Aconteceu, porém, que esse anarquista quiz fazer propaganda seriamente organizadora e orientadora e eu impúz-lhe reservas nêsse ponto. O sujeitinho, pedante como todos êsses *gozadôres*...

— E' verdade, interrompeu Leão XIII, esses libertarios de barriga cheia deviam imitar o teu amor ao trabalho; és um modelo de trabalhador...

— Obrigado Leão XIII! Mas, como ia dizendo, o sujeitinho não se quíz submeter e abandonou o serviço pago com o meu dinheiro, honradamente obtido.

Todos bateram com a cabeça e o snr. Mattos proseguiu:

«Resolvi, como sugeriste, fazer da *Razão* o órgão dos trabalhadores; mas os manifestos que iam chegando, os resumos dos discursos nos comicios e assembléas era tudo anarquista, comunista, revolucionário. Não tive outro geito sinão fingir-me revolucionario, embora cristão e espirita. A cousa era dificil; mas, com geito, o Victor Silveira foi arranjando a gaita, de modo que a *Razão* era instrumento de anarquismo na quarta e sexta páginas e constitucionalista, federalista, redentorista, negocista, cavacionista na primeira e segunda.

— A propósito, perguntou Pinheiro Machado, ouvi dizer que expulsaste o Victor e que êle se escafedeu com pelegas fortes.

— Não sei, não sei, não nos afastemos do principal assunto. O principal assunto é que eu estou danado com o tal *Spártacus*, que me foi abrir os olhos aos operarios. *A Razão* precisa, como orgão dos trabalhadores...

— Peço desculpas ao meu irmão, de interrompê-lo, fez S. José. Que o meu irmão afirme, lá fóra, que *A Razão* é orgão dos trabalhadores, admite-se; mas, entre nós, não. Ninguem nos ouve aqui.

— Seja, seja! Mas, continuando, veio a guerra, veio o Aurelino, veio a dissolução violenta da Federação Operaria, veio, o ano passado, a dissolução violenta da União Geral, veio o 18 de novembro. Eu aproveitei a ocasião e fiz aquele estardalhaço horrivel contra o Aurelino; os trabalhadores confiaram na *Razão*, aumentaram-lhe a tiragem, facilitaram os anuncios, as solicitadas, e, ultimamente, o joguinho do Centro Industrial e Street.

— Caramba, Mattos, ponderou Camillo, deixe lá que você disse do Aurelino cobras e lagartos. Olhe que eu em Portugal disse muito desaforo, muita palavra feia aos meus patrícios, mas nunca me enlameei com a Sapucaia que *A Razão* golfou encima do chefe de policia, autoridade da República Brasileira. Olhe que V., estrangeiro tem tem topete.

— Ora lá, e ninguem me processou, como ninguem processou o meu caro amigo e patricio Lage, nem pelos insultos ao Rodrigues Alves, presidente da República, nem pelo incendio do *Paiz*, nem pelo negociozinho da cunhagem. Processo não se fez p'ra nós, fez-se para os anarquistas. Nós não somos estrangeiros perigosos, porque somos honrados, ganhamos honestamente o pão de cada dia, esforçamo-nos pelo engrandecimento dêste grande país cujos atuais donos não sabem explorar. Mas, voltando ao ponto, vou mandar fazer um artigo elogiando o chefe Geminiano na apreensão do *Spártacus*.

— Mas, snr. Mattos, disse Camões, como é que V. aprova a ação contra o *Spártacus* por fazer propaganda anarquista, quando, no seu jornal, se publicaram e publicam artigos e manifestos ultra-anarquistas? Até hoje o *Spártacus* não publicou um só ataque ás autoridades civis ou militares da República, nem aconselhou aos operários nenhuma violência. Entretanto, no seu jornal, você xingou dos mais feios nomes ao chefe de policia da capital e tratou de burro para baixo aos seus homens mais conceituados e isso em plena guerra. Que diria V. si a polícia mandasse confiscar edições inteiras d'*A Razão*?

— Isso é verdade, mas preciso escrever contra o *Spártacus*. Vou dizer, por exemplo, que ha lá um sujeitinho, pago pelo Estado, parasita do Estado, professor do Estado...

— Sei de quem vai falar, protestou Camillo. Esse professor, meu caro irmão, não é parasita. Nem todos os funcionarios do Estado são parasitas; muitos até são proletários. Esse professor conquistou, por concurso, a cadeira oferecida ao que melhores provas desse de sua competência. Esse professor dá nove aulas por semana a turmas de quarenta alunos, recebendo por isso quinhentos mil réis, ordenado que teria lecionando fora a turmas muito menores. Esse professor, desde que exerce o cargo jamais faltou, embora a lei abone tres faltas mensais. Esse professor corrige diariamente, em casa, dezenas de exercicios, gastando sempre uma a duas horas diárias. Esse professor se orgulha de manter sua numerosa familia exclusivamente com o seu trabalho, um trabalho exaustivo de dez, onze e doze horas quotidianas. Esse professor pode documentar sua receita e sua despêsa e não tem um ceitil em bancos ou em giro; é pobre como qualquer pobre. Não arranjou fortuna, não vive de rendimentos, não explora a imbecilidade alheia. Acho bom, sr. Mattos, não se meter com êle, que não tem rabo de palha...»

O snr. Mattos refletiu e declarou que aceitava o conselho de Camillo.

— Prezado irmão, disse por fim o Padre Vieira, V. deve dizer, no seu jornal, que os motivos invocados pela policia para apreender *Spártacus* são fúteis. Nada vi ali que se podesse tomar como conselho a assassinios, depredações, incêndios. Assassínios horriveis, foram os da guerra; depredações tremendas fazem-se diáriamente, como V. bem sabe... ora si sabe... Ha motivos outros, muito mais sérios... Nota, meu irmão, que ha uns quinze dias, um jornal inglês de S. Paulo, pedia providências ao governo contra a propaganda anarquista. Ora, a Inglaterra, proventuária de guerra, chefia a campanha anti-maximalista e tem peso... Pois não tem?»

Nesta ocasião cantou um galo e os espiritos do astral superior não gostam de ouvir galo cantar. Sumiram-se.

O snr. Luiz Mattos coçou as suiças de homem do trabalho, franziu a ruga honesta, apanhou as tres velas espantadas, fechou mais o guarda-pó e retirou-se baforando raiva contra *Spártacus*, contra os anarquistas, êsses diabos atrapalhadores, capazes de abaterem os dividendos da *Razão*. Malditos!

JOSE' OITICICA

Este numero

sae apenas com 2 paginas, por motivo das dificuldades surgidas com a aprehensão do numero anterior. Mas sae. Sae e sairá, apezar de todas as perseguições e de todos os obstaculos. E contamos certo regularizar os nossos trabalhos de modo a sair com as 4 paginas do costume, na semana a seguir.

Camaradas e amigos!

Agora, mais que nunca, é necessario todo o esforço para a manutenção do nosso orgam!

A aprehensão de "Spártacus"

Sabem os trabalhadores que a polícia aprehendeu a edição do nosso numero passado.

Os pretextos alegados pela polícia são os mais futeis possivel.

Resumem-se no seguinte: 1° pregamos aqui o assassinio de Lloyd George; 2° pregamos directamente a revolução imediata; 3° usamos de linguagem desbragada contra as autoridades.

Ora isso é o que pode haver de mais frivolo ou mentiroso.

Nunca pregamos aqui assassinio de ninguem, muito menos de Lloyd George. Apenas um camarada nosso, em comentário ao movimento obreiro na Inglaterra fez em tom caçoista esta pergunta: «Quando enforcarão a Lloyd George na tripa do ultimo patife?» Entre isso e «aconselhar» a morte de Lloyd George, vae, parece, uma diferençazinha.

Chamamos a atenção dos trabalhadores para esse insidente muito significativo. Porque é que, de tudo quanto temos escrito e pregado, sómente aquela frasezinha sobre Lloyd George foi citada pelo chefe de polícia como crime digno de processo? Lembrem-se os trabalhadores que um jornal inglês de S. Paulo, o «Times of Brazil» reclamou do governo brazileiro providências contra a propaganda anarquista indicando os nomes da «Plebe» e de «Spártacus».

Não é significativo?

Pregamos a revolução! Que duvida! Mas nunca dissemos uma só palavra sobre a revolução violenta, nem a localizamos aqui. A revolução também pode ser pacífica, pela simples imposição dos trabalhadores em greve ou em maioria consciente. Pois não é do dogma republicano o governo do povo em maioria? E si a maioria do povo brazileiro desejar o comunismo anárquico, não é logico, natural, republicano que se adote o comunismo?

Nunca fizemos apologia do punhal ou da dinamite como aleivosamente o garantiu um dos jornaes vendidos da cidade. Aliás o punhal (diga-se «sabre»), a dinamete (diga-se «petardo») e mais as metralhadoras, os canhões, as granadas, as minas explosivas, etc., são instrumentos capitalistas de assassinio, são armas do Estado quando quer matar os de fora ou os de dentro.

A mesma doutrina que pregamos, pregam inumeros jornais, periódicos ou diários em todos os paises, sem que os governos respectivos ousem suprimir-lhes as edições. Dispensamo-nos de dar a lista aqui. Para que?

O facto de estarmos em estado de guerra é uma tremenda acusação contra a policia. O Congresso deu, como excepcional medida, á policia, no tocante á imprensa, o direito de «censura», mas não o de confisco de edições. Si a censura se faz mistér ainda para resalvar a figura melindrosa de Lloyd George e outras divinas personalidades a policia incide em desleixo grave não censurando os jornais como fazia. E si o governo suspendeu a censura é que não julga tal censura necessaria e a policia nesse caso abusa.

Quanto á linguagam violenta e desbragada é uma mentira. E quem nos acusa disso? Alguns dos orgãos mais desbragados na linguagem contra tudo e todos.

Um dêles começou a sua carreira com ataques dos mais duros, em calão sujissimo ao presidente da república e seu ministro da fazenda.

Mas, para que perdermos tempo?

Já sabemos que é isso mesmo. A aprehensão de «Spártacus» nos orgulha. Prova que fazemos obra sã, pois apavoramos a burguezia, católica, redentórica ou simplesmente cavadora.

E é o nosso fim.

A POLICIA ASSALTA AS ASSOCIAÇÕES DE CLASSE

O pavor aos livros. Arrombamentos e depredações. Prisões e processos. Os comicios de protesto. O grande conflicto de quarta-feira. Outras notas.

"Está decidido. O governo Epitacio enveredá pelo caminho da reação, e tenta esmagar as organizações proletarias. Depois da aprehensão arbitraria e ilegal de *Spártacus* e de *A Plebe*, o assalto ilegal e arbitrario ás associações de classe, o confisco de livros, folhetos e jornaes das suas bibliotecas, as prisões em massa, as provocações e as brutalidades do sabre e da cadeia. O Sr. Geminiano da Franca, juiz do mais alto tribunal local, homem que se presumia ponderado e sereno, segue os mesmissimos processos do seu famoso antecessor e desanda a praticar as maiores violencias. Ha nisso tudo, evidentemente, um plano concertado e sistematico, visando esmagar a propaganda e a ação emancipadora do nosso proletariado. Está pois jogada a luva de desafio. O momento é decisivo para o nosso operariado organizado. Submeter-se-á ele ao arbitrio reacionario do governo? E' o que veremos.

Como quer que seja, com o nosso silencio é que isso positivamente não se verificará...

Os acontecimentos

A aprehensão de *Spártacus* se efectuou na segunda-feira. Foi o inicio do vasto plano de perseguições. Ao dia seguinte, terça-feira, eram arrombadas as sédes da U. O. da Construção Civil, da U. O. em Fabricas de Tecidos e da Aliança dos Trabalhadores em Calçado, nas quaes funcionam ainda outras classes.

O assalto se fez em pleno dia, com um espaventoso aparato de força. Portas que estavam fechadas foram arrombadas. Os armarios, os arquivos e as bibliotecas igualmente arrombados e literalmente pilhados.

O pavor aos livros! Com uma sanha de selvagens, os policiaes se atiraram aos livros e brochuras de propaganda libertaria, livros de sociologia, de sciencia e de literatura, bem como aos nossos jornaes de propaganda, carregando tudo nas viuvas-alegres, para o civilizado auto de fé no pateo da policia central.

Os moveis, sahidos os vandalos, ficaram damnificados e na maior desordem.

Parecia uma autentica invasão de hunos tedescos...

U. G. dos Metalurgicos

No dia seguinte, quarta-feira, a séde desta associação foi assaltada nas mesmas condições das outras, com a mesma germanica furia, que até fazia esquecer os sinistros tempos aurelinianos...

A acrescentar tambem que, com os livros, os folhetos e os jornaes, a policia carregava para a Central os operarios que encontrava nas sédes e que manifestavam estranheza por tão degradantes factos.

Os comicios de protesto

A Federação havia convocado um comicio para terça-feira, com o fim de protestar contra as violencias praticadas em Pernambuco, pela policia de lá, que é como a de cá...

O comicio se realizou á tarde, com grande concorrencia, no largo de S. Domingos, tendo falado muitos camaradas, sob calorosos aplausos da assistencia.

Já a essa hora, os assaltos ás sédes se tinham verificado e assim o comicio se desdobrou num vehemente protesto contra a nossa policia carioca.

Todos os oradores aproveitaram a oportunidade e manifestaram a sua solidariedade a *Spártacus*, no que eram vibrantemente secundados pela massa popular. E com isso rijas e merecidas palavras de desprezo pelos patifes de *A Razão*, cuja sinceridade foi agora posta á prova...

O comicio de quarta-feira

Diante do vandalismo policial, a Federação publicou nos jornaes um energico protesto, convidando o povo para outro comicio, na quarta-feira, á mesma hora e no mesmo local.

O mesmo entusiasmo e a mesma vibração do anterior.

O secretario da Federação, tomando a palavra, leu um telegrama enviado pela Federação de Porto Alegre: tambem naquela cidade a policia positivista do sr. Borges de Medeiros (de quem a *Razão* sempre foi a maior amiga, na imprensa do Rio, tendo-o até apontado para candidato á presidencia da Repu-

…olica, em "nome" do operariado...) acabava de cometer uma serie de tropelias perfeitamente eguaes ás que se verificavam no Rio e ás que se haviam dado em Pernambuco. E' que não ha no mundo nada tão parecido com uma policia do que... outra policia.

Terminado o comicio, depois de falarem numerosos operarios, todos profligando com energia as violencias policiaes e as hipocrisias de *A Razão* e manifestando o seu aplauso á obra de *Spártacus*, seguiu a massa pela Avenida Passos, rua Marechal Floriano, em demanda da U. O. da Construção Civil, na praça da Republica.

Vibravam no ar as notas plangentes e profundas da *Internacional* ou os acentos energicos dos *Filhos do Povo*...

Chegada em frente áquela associação de classe, a massa estacionou, subindo uma parte dos manifestantes para o sobrado. Ahi, da sacada, outros oradores falaram...

O conflito

O grande conflicto, evidentemente provocado pela policia, em frente á sede da U. O. da Construção Civil, foi asual mente assistido pelo deputado Mauricio de Lacerda, que o relatou na Camara. Damos-lhe a palavra:

...«dirigindo-me á noite á Estação Central assisti — e dou meu testemunho pessoal — depois de correrias da policia sobre o povo aglomerado, ao facto dos soldados de cavalaria treparem ás calçadas, onde estavam os que iam embarcar para os suburbios ou para o interior, ou os que lá saltavam, e perseguir, á espada, homens, mulheres quantas pessoas ali se achavam, estranhas aos acontecimentos, entre as quaes uma, á minha vista, foi golqeada no rosto; e fui envolvido por essa mesma cavalaria, no momento em que ela intentava entrar no edificio da Central e era repelida pelos bravos guarda-freios dessa via-ferrea.

Vi ainda o oficial de Policia Sr. Jesus, á paisana, aproximar-se do esquadrão, entreter conversa com ele, e, logo depois, cada praça catar os populares, até os que passavam á distancia, isoladamente, como verifiquei se dar com dois ou tres, que iam transitando ao pé do andaime do quartel-general, catal-os, repito, para lhes meter a espada, sendo muitos impedidos de tomar os trens para suas residencias, pois a cavalaria estava varrendo indistintamente toda a gente.

O nobre Deputado alegou que havia feridos, do lado da policia feridos, porém, de que maneira: a pedrada; e é sabido que o projectil caracteristico da improvisão da reação popular é justamente a pedra, porque é o que o desespero de uma reação de quem pela fuga não se pode pode salvar do esbordoamento, a mão alcança no instante da agressão.

Emquanto isso, os operarios são cortados na face, a espada, e são tambem pessoas que nada tinham com a questão, como uma que, com a trouxa sobraçada, procurando entrar na Central, foi alcançada por dois cavalarianos, que a surraram impiedadamente, até que ela pôde refugiar no edificio da estação, correndo, espavorida, para o trem que já partia.»

Os presos e os feridos

Sobe a mais de quarenta o numero dos presos devido aos acontecimentos da semana.

Varios deles se acham feridos em consequencia do conflicto da praça da Republica.

E' necessario um largo movimento em todo o Brazil proletario, para arrancar das grades policiaes esses camaradas.

A liberdade de imprensa, para os capitalistas, é a liberdade, facultada aos ricos, de comprar a imprensa, de fabricar e falsificar a suposta opinião publica.

LÉNINE

RERUM NOVARUM

Liberdade de pensamento

Foi aprehendida pela policia, com autorisação do governo, a edição transacta deste jornal.

O governo, depois disso, ficou, naturalmente, satisfeito, a policia tambem, o clero igualmente, idem a burguezia. Quem não devia estar contente era a rapaziada do jornal, o Oiticica, o Astrojildo, o Domingos Ribeiro, o Octavio, o Barboza. Em menos de uma hora, apoz saber da memoravel façanha, encontrei-os a todos. O Oiticica vinha do Pedro II, das suas lições oficiaes, assobiava; o Astrojildo, que não fuma, fumava charuto, regalado numa cadeira; o Domingos, com o olhinho pequeno inundado de regosijo, deitava *verve* e fazia paradoxos; o Octavio, membro da Sociedade de Geografia, cujos portaes se abriram ha um mez aos seus 22 anos, delirava falando da fisiografia dos canaes de Alagôas; o Barboza, administrador e tezoureiro do jornal, lamentava apenas, como bôa dona de casa, que a policia não pagasse os numeros aprehendidos.

Foi, pois, um acto bom a aprehensão do *Spártacus*, visto que contentou ambos os lados da barricada, entusiasmou os combatentes e vae, naturalmente, reactivar a lucta. *Spártacus*, sobretudo, lucrou em ser aprehendido. Era um jornaleco, hontem; é hoje um jornal. Todas as folhas se ocuparam da sua pessoa, estamparam-lhe o cabeçalho, comentaram os seus artigos, insultaram as suas idéas, caluniaram as suas doutrinas, difamaram e envenenaram a sua obra e os seus intuitos. E' um jornal feito, ainda que não volte a sahir e um jornal imortalizado. Conheciam-no, hontem, 50 mil pessôas; hoje é conhecido por 500 mil. Bem haja a policia, bem hoje o governo, bem hajam os padres, bem hajam as folhas!

Agora, cedo esta secção a um burguez para dissertar ácerca da liberdade de pensamento e de imprensa. Tem a palavra o ilustre escritor portuguez sr. Ramalho Ortigão. Fala no tempo da monarquia e a proposito das perseguições então movidas aos republicanos e socialistas. Ouçam-no os burguezes desta terra, o seu governo e a sua policia. Ouçam-no e aproveitem a sua lição, si podem e emquanto é tempo.

Uma das cousas que eu não explico nas relações do Estado com a opinião do paiz, é o medo pueril á publicidade das idéas.

Este terror, hoje em dia absolutamente absurdo, data de seculos, e parece uma enfermidade mental transmitida por infecção local, de geração em geração, na zona do poder.

Muito antes de se ter descoberto a imprensa, existia já a instituição oficial da censura. Nesse tempo comprehendia-se a intervenção fiscalisante do governo na circulação das idéas. Os livros e os panfletos em manuscrito passavam secretamente de mão em mão. Os que governavam não podiam ter mais que uma vaga e bem incompleta noção do que se lia. As idéas viviam e procreavam invisivelmente, lentamente, surdamente, minando quasi que por baixo da terra os poderes estabelecidos, e roendo devastadoramente as construções de aparencia mais sólida e mais rija, como os escalrachos ou como os formigueiros.

Entendia-se então que os governos tivessem medo á palavra escrita, como se tem medo a todo o perigo encoberto, á escuridão, ao silencio.

Mas no tempo de hoje! Quando o descobrimento da tipografia tresdobrou muitos milhares de vezes a sua primitiva força de expansão na publicidade e na luz; quando quasi toda a gente sabe ler; quando ha o prelo Marinoni, movido a vapor, e ha o grande jornal a 10 réis, tirado a milhares de exemplares por hora, redigido por milhares de *reporters*, aos *guichets* de todos os telegrafos do mundo; quando já não ha idéa, concebida em qualquer parte que seja, que em vinte e quatro horas não tenha dado a volta ao globo, e não apareça ao mesmo tempo formulada, redigida, impressa, afixada, apregoada, vendida, dada de graça, em milhões e milhões de exemplares, por toda a superficie do orbe, agora digo, o perigo que poderia ter a idéa desapareceu inteiramente.

Não ha já segredos.

Os que governam acham-se informados de tudo quanto pensam os governados. Não têm mais do que ler e resguardar-se. Acabou para os governos a surpresa, a emboscada, a perseguição encoberta.

Esses perigos já não existem realmente senão para os governados, que têm ainda contra si, posto que mantidos e pagos por eles proprios, os unicos poderes ocultos que subsistem no regimen das sociedades modernas: os reconditos planos de guerra entre governo e governo, a diplomacia, a policia secreta, a intriga de côrte para côrte, a espionagem sobre os cidadãos suspeitos, a violação das cartas, a visita domiciliaria, a busca aos papeis de cada um, etc.

Si nós, particulares, tivessemos de garantir-nos contra os governos com a mesma segurança com que os governos se acham garantidos contra nós, a primeira obrigação que lhes imporiamos seria a de terem um jornal e de imprimirem nele em cada manhã absolutamente tudo quanto pensassem de nós, *para bem e para mal*, mas principalmente *para mal*, porque o importante, porque o essencial é, sobretudo, isso: avisarem-nos do que nos prejudica.

Si dispuzessemos da faculdade de nos precavermos contra o governo com a mesma eficacia com que o governo se acha precavido contra nós, todo o nosso plano de defesa se basearia no emprego dos meios atinentes a tornar para eles forçada a liberdade absoluta da imprensa, não facultativa, mas *obrigatoria* e levada até os ultimos excessos a que pudesse chegar a pena dos seus escritores, sem freio, sem barreira, sem limite de especie alguma.

E sempre que o chefe do Estado ou os seus ministros pudessem ser acusados de não nos descomporem suficientemente, de não nos injuriarem na medida de todo o seu desejo, chamal-os aos tribunaes como impostores e como sediciosos, e obrigal-os a dizer tudo, aplicando-lhes para esse fim a tortura, exactamente como eles nos faziam a nós no tempo em que, em vez de escrevermos nos jornaes, nós nos calavamos com o jogo.

Ora, este meio admiravel, inexequivel, pelo qual nos seria possivel fiscalisar os sentimentos e as idéas do governo, pondo-nos de sobreaviso para combater ou para resistir aos seus projectos e aos seus actos, este meio unico de nos informarmos do que o governo verdadeiramente pensa a nosso respeito é exatamente aquele de que em todos os paizes em que ha jornaes e em que ha liberdade de imprensa, o mesmo governo dispõe para se pôr ao facto de tudo quanto pela nossa parte nós pensamos dele.

E é desta completa e inteira publicidade de todas as nossas opiniões que o governo tem mêdo?!...

E é esta publicidade que ele quer regulamentar, que ele quer restringir, que ele quer suspender?!...

Quando o governo nos fala da *necessidade*, na *conveniencia*, ou na *vantagem* de pôr o chefe do Estado, a dinastia, a corôa, a real familia, as instituições fundamentaes da monarquia ao abrigo da imprensa que a injuria e que a descompõe, eu não sei realmente si o governo nos desfruta ou se fala a sério.

Sempre quereria ver a cara do governo portuguez, por exemplo, no dia em que o partido republicano cessasse para sempre de publicar jornaes em Portugal e fechasse os clubs!

Imaginem o efeito! Todos os telefones oficiaes em vibração em Lisboa, do Comissariado da Policia para o Governo Civil, do Governo Civil para o Ministerio do Reino, do Ministerio do Reino para o Palacio da Ajuda, do Palacio da Ajuda para o quartel das Guardas Municipaes.

Desapareceu o *Seculo*! desapareceu o *Trinta*! desapareceu o *Patriota*! desapareceu a *Folha*! desapareceu a *Era*! Foi-se ás redacções: abandonadas! Foi-se aos clubs: desertos! Por todas as esquinas, por todas as ruas, nas portas de muitas casas, nos mostradores e nas vitrines de muitas lojas este letreiro: *Cada um em sua casa, no seu posto. Esperar. Silencio!*

Ao cabo de algumas horas deste espectaculo, que não seria no fim de contas senão o resultado ideal da mais completa e da mais perfeita lei das rolhas, toda a policia de Lisboa estaria em movimento, o guarda municipal triplicaria as patrulhas, os regimentos ficariam nos quarteis, prontos á primeira voz, sua magestade el-rei não viria ao teatro lirico nessa noite, e antes da madrugada do dia seguinte centenas de republicanos teriam sido directa ou indirectamente convidados a falar pelas mesmas autoridades encarregadas agora de os fazer calar á força.

D'ahi vemos que desde que num paiz existe quem deseje injuriar as instituições e os individuos que as representam — cousa que nenhum poder do mundo póde obstar que se dê — a grande vantagem para a segurança dessas instituições e desses individuos está em que a injuria latente no espirito de cada um se formule e se publique em jornaes onde o governo e a policia se informem integralmente não só dos actos mas do pensamento do publico.

Tal é a questão do abuso da liberdade de imprensa considerada pelo lado da conveniencia do Estado.»

Roberto Feijó.

Os estrangeiros...

Já se sabe. São sempre os estrangeiros que pagam o pato. Estamos fartos e fartissimos de dizer que a nossa propaganda anarquista é feita principalmente por brazileiros natos. Mas qual! a senhora imprensa burgueza volta sempre á carga, a bater na velha chapa, dos «agitadores estrangeiros».

Estrangeiros, afirmamos nós, são esses jornalistas forjadores de mentiras e calunias.

Com efeito. Eis uma lista incompleta:

O «Jornal do Comercio» é propriedade do portuguez Ferreira Botelho, e varios dos seus principaes redactores são estrangeiros, como os srs. Armando Erse e Antonio Claro.

«A Razão» é do portuguez Luiz José de Mattos.

«O Paiz» é do portuguez famoso João Lage e varios dos seus redactores tambem.

A «Gazeta de Noticias» é do portuguez Salvador Santos.

O gerente do «Correio da Manhã», Duarte Felix, é estrangeiro. Igualmente Eugenio Silveira, um dos seus redactores mais graduados.

«O Imparcial» tem um socio portuguez, o Sr. José Prestes

O secretario do «Jornal», Victorino d'Oliveira, é portuguez,

E ahi está!

Cá e Lá...

Telegrama de Lisboa relata que «A Batalha», porta-voz diario do proletariado portuguez, teve esta semana mais uma das suas edições confiscada pela policia:

O telegrama transmite-nos ainda estas palavras, com que «A Batalha» anunciou ao publico o acto policial:

«Não dizer nada, ou dizer aquilo que a policia quer.»

Lá como cá...

E não fossemos nós bons descendentes dos bons portuguezes.

A RECOMPENSA...

Um dos traços mais caracteristicos da incapacidade dos governos para resolver as questões economicas e sociaes, é sem duvida o problema dos *sem trabalho* e dos *indesejaveis* creados pelas consequencias da propriedade privada e das guerras.

Não sabendo como sair do aperto em que os colocaram as enormes falanges de desocupados e mutilados a quem a patria nega o direito á vida, e por quem perderam o melhor da sua existencia, recorrem á emigração como meio de canalizar a grande legião de trabalhadores para os paizes americanos, africanos e outros onde a lavoura e as industrias estão menos exploradas e onde esses individuos continuem a produzir para aumentar as fortunas dos capitalistas e, sobretudo, acálmar o espirito revolucionario das multidões que já ameaçam e destroem a velha ordem burgueza e estão descrentes da ação dos governos, em beneficio do povo.

Os governos dos paizes para onde essa emigração está sendo canalizada, cogitam de estabelecer leis prohibitivas para que os indesejaveis não venham perturbar a paz e o socego da burguezia. Neste caso estão os governos da Argentina, Uruguay e Brazil, que já se preocupam de formar uma aliança que empeça a entrada dos mutilados e dos rebeldes que não se submetem á exploração sem fazer sentir o seu energico protesto.

Vem ao caso lembrar aqui a famosa circular do Sr. Aurelino Leal, em que recomendava ao inspector da Policia Maritima que prohibisse o desembarque de todos os individuos invalidos, viuvas sós e os anciãos de mais de sessenta anos. E' claro que a circular do Sr. Aurelino não visava propriamente a prohibição da entrada aos invalidos; o que almejava era evitar que penetrassem no Brazil as idéas anarquistas... Naquela ocasião, o então chefe de policia quiz mostrar os seus *grandes conhecimentos* de jurista, e forjou a referida circular, *pour épater les bourgeois*.

Agora, porém, são os governos, com caracter oficial, que estão tratando do assunto.

Não haverá pessoa alguma que seja dotada de bons sentimentos, que não sinta um arrepio de indignação, quando ler qualquer noticia sobre essa projectada aliança entre os paizes sul-americanos. Não nos referimos ao que concerne a respeito dos anarquistas porque os anarquistas nunca esperaram benevolencia dos governos; a nossa indignação é contra as injustiças que tal facto encerra, com referencia aos mutilados da guerra e ás pessoas desamparadas.

Em que se baseam os governos para realizar taes convenios?

Protestaram contra a guerra ou opuzeram resistencia para que não fosse declarada?

Não. Antes ao contrario; foram coniventes com tal monstruosidade.

Para enganar o povo e leval-o á matança, os governos prometeram concessões ao proletariado, pensões ás familias dos soldados que partiam para os campos de batalha, refórmas liberaes na vida politica e social dos trabalhadores, e outras promessas que servissem para iludir a ingenuidade popular.

Agora, que a guerra burgueza acabou e a guerra social se desenvolve vertiginosamente, levando de roldão monarquias e privilegios, religião e exploração, os governos unem-se para dar combate ás reivindicações populares que eles prometeram remediar abandonando-os depois á caridade publica aqueles a quem a ambição devoradora do capitalismo atirou na orfandade, no desamparo e na miseria e áqueles que se inutilizaram em holocausto a esse monstro que se chama Estado capitalista.

E' a recompensa que têm os trabalhadores por haver-se deixado ludibriar pelos discursos patrioticos, marchando dominados pela loucura colectiva e cegos pela fumaça dos canhões e dos gazes asfixiantes, emquanto em seus lares campeava a fome com todo o seu sequito horroroso!

Mas não faz mal. Essas victimas do capital e do Estado impossibilitadas de continuar o seu trabalho honrado, como antes de haver perdido o vigor nessa guerra de rapina e ambições, são a condenação perene contra os horrendos crimes da actual sociedade, e virão certamente reforçar as nossas fileiras revolucionarias que hão de exterminar em todo o mundo o regimen da opressão e da desigualdade.

Entregar ao abandono ou atirar para o monturo os despojos de uma geração nova e esperançosa, eis o resultado do actual regimen da propriedade privada. E, contra nós comunistas, que propagamos um regimem mil vezes mais equitativo, procuram os governos, a burguezia e o clero levantar a ira popular coma se ainda estivessemos nos negregados tempos de Loyola.

Muitissimos são os exemplos que tem o povo, para descrer na ação dos governos; mas si isso não fosse ainda o bastante, a impossibilidade de solucionar os problemas creados pelos mutilados da guerra e pelo grande numero de trabalhadores que não têm onde empregar os seus braços para ganhar o sustento da vida, seriam o suficiente para levar o Estado á bancarrota e assegurar o triunfo do comunismo.

Pudessem os governos resolver esses problemas, que eles o fariam. Vêm o perigo que estão correndo e não podem conjural-o. Seria para a burguezia e governos um grande alivio, si conseguissem livrar-se do pezadelo que os atormenta, em ver essa ralé que perambula pelas ruas sem destino, maldizendo a todo o instante a sociedade que lhe nega o pão e o conforto.

Esses que dormem á intemperie sem um pão para enganar o estomago, em contraste com o luxo espaventoso dos burguezes, acrescentado agora pelo numero dos que não podem voltar ao trabalho, porque lhe fecham as portas, hão de um dia, não muito remoto, tirar a *révanche* das injustiças que sofrem.

Não será a caridade cristã da *filantropica* canalha burgueza que ha de acalmar o odio e a revolta das victimas do capitalismo; esse odio e essa revolta só acabarão quando tiverem deixado de existir a causa dos sofrimentos humanos.

Antonio Fernandes

Clandestino?

O «leader» do governo na Camara, retrucando ao discurso do Sr. Mauricio de Lacerda e pretendendo defender a ação da policia contra «Spártacus», afirmou que este jornal é clandestino, sem redactores ou editores responsaveis.

Já é coragem!

Todos os numeros de «Spártacus», todos sem excepção, têm trazido, na parte do Expediente, a seguinte declaração:

«Spártacus» publica-se sob a responsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redacção e administração a cargo respectivamente dos camaradas Astrojildo Pereira e Santos Barbosa».

No primeiro numero, em Explicação, na primeira pagina, o Grupo Editor assinava-se colectivamente, nome a nome, tomando a responsabilidade da publicação do jornal.

Como pois chamar a este um jornal clandestino?

Proletarios de todo o Brazil, uni-vos!